

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Luís Sucupira

No momento em que nos reunimos para lembrar o dia já bem distante da instalação em nossa capital da Academia Cearense, força é ressurgir aqueles que como legítimos representantes da intelectualidade patricia, consolidaram com sua atitude o movimento literário que se vinha desdobrando há vinte anos entre os agitados e agitadores jovens que tanto abalaram o ambiente cultural cearense.

Graças à iniciativa de Guilherme Studart, então com 38 anos, e um lustro mais tarde galardoado com um baronato pela Santa Sé, foi possível congregar em memorável sessão inaugural realizada a 15 de agosto de 1894, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa, José Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto de Vasconcelos, Pedro Queiroz, Alves Lima, Waldemiro Cavalcante e Antônio Fontenele. Adotando o lema de Lord Beaconsfield — *Forti Nihil Difficile* — assentaram eles os fundamentos do ilustre sodalício que agora festeja seu octogésimo aniversário. Aos primeiros animadores da instituição vieram imediatamente reunir-se outros companheiros de ideal, também considerados fundadores e que foram Tomás Pompeu, Raimundo Arruda, José Carlos Júnior, Virgílio de Moraes, José Domingues Fontenele, José de Barcelos, Antônio Bezerra, Alves Lima, Eduardo Studart, Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Antônio Teodorico da Costa, Padre Valdivino Nogueira, Henrique Teberge. Formavam um grupo de 27 acadêmicos, com predominância dos maiores de 30 anos, sendo que apenas três contavam 25 anos e um 28. No seu conjunto, havia 3 maiores de 50 anos, 6 de 40, 14 de 30 e 4 de 20.

Não era, pois, como acontecera com as passadas companhias literárias, que marcaram época na história da literatura cearense, um aglomerado de jovens talentosos e esperançosos, mas um composto de homens já instalados na maturidade, quase todos portadores de um título universitário e muitos

(*) Ainda na mesma coleção de "Escritos da Comunidade Evangélica de Estudos", citaria, na 6a. série, o ensaio de Hans Braeker, *Die religionsphilosophische Diskussion in der Sowjetunion*, Tubingen, 1969.

deles antigos participantes da chamada Academia Francesa, surgida em 1872, do Gabinete Cearense de Leitura, que apareceu em 1875, do Clube Literário, que brilhou a partir de 1886, e mesmo da Padaria Espiritual, que prodigioso renome emprestou à cultura cearense, no período de 1892 a 1898.

Pode-se afirmar que a Academia Cearense, posteriormente crismada como Academia Cearense de Letras, isto em 1922, foi o arremate seguro e definitivo daquela fase de agitação intelectual que tanto exaltou a inteligência e a cultura dos cearenses, fazendo que muitos dos luminares que passaram a fulgurar no firmamento das letras pátrias dessem ao Estado de seu nascimento um lugar de imperecível destaque.

Realmente, coube aos intelectuais cearenses, agrupados naqueles sodalícios, que se distinguiram não só pelos talentos que congregavam como até pela originalidade de suas denominações, como a Fênix Estudantal, a primeira associação propriamente literária aqui surgida, a Academia Francesa e a Padaria Espiritual, introduzir no Brasil muitas das escolas literárias então surgidas no exterior e mesmo no nosso país, como o Parnasianismo, o Simbolismo, o Realismo, o Regionalismo, o Sertanismo. E estão ainda para isso provar os "Versos" de Antônio de Castro; "Phantos" de Lopes Filho; "Dolentes" de Lívio Barreto; "Luzia Homem" de Domingos Olímpio; "D. Guidinha do Poço" de Oliveira Paiva; "A Normalista" de Adolfo Caminha; "Violação" e "A Fome" de Rodolfo Teófilo, convindo ainda acrescentar que coube a Farias Brito a glória de ser considerado o único realmente merecedor do nome de filósofo em nosso país.

Com a fundação e funcionamento da Academia Cearense, aquela afluência de produções literárias transformou-se na corrente larga de um rio perene, que vem atravessando as idades e os acontecimentos, oferecendo aos amantes da arte literária o clima agradável do convívio com as sadias produções do espírito, para gozo perene do culto da beleza e da verdade.

Mantendo intacta a mesma concepção dos que a fundaram, ainda se entrega a Academia Cearense de Letras à tarefa de vestal incorrupta na vigília pela perenidade das coisas do espírito em nosso meio. Porque, mesmo dentro do mais ferrenho redomínio de um materialismo hedonista, que afasta a humanidade dos ideais superiores e dos valores imortais, a cultura sempre será uma forma de vida. E de uma vida intensa, de uma vida que se traduz em atos preciosos. Nesta fase que a humanidade atingiu, em que se confunde cultura com técnica, deixando-se de encarar a cultura como uma categoria do ser, para admiti-la apenas como um triunfo da técnica, como um meio de assegurar o domínio da natureza, somente nas Academias de Letras se encontra ainda a forma de ser alcançada aquela natural e imorredoura felicidade, proporcionada pela inquietude na busca da totalidade da vida.

Não é que se queira voltar a técnica a um desprezo despropositado, mes-

mo porque ela é o resultado da inteligência aplicada aos segredos da ciência, mas, assim como o corpo necessita do calor, o espírito reclama a sabedoria, fonte de deleites divinos.

A composição literária é o reflexo da criação e a literatura vem sendo até hoje o magnífico roteiro para penetração na história da humanidade cuja inteligência se vem manifestando e afirmando desde as misteriosas inscrições rupestres até as magnificentes produções de um "Inferno" de Dante ou de um "Lusíadas" de Camões.

Infelizmente os nossos dias se vêm celebrizando por uma espécie de medo de pensar, o que foi notado pelo cinismo de Anatole França que acusava o pensamento de aterrador, funcionando como um ácido que dissolve o universo. No entanto, foi através do pensamento gravado em páginas memoráveis que ele conquistou um lugar todo especial no torvelinho da desordem universal, de que foi, aliás, um dos mais importantes fatores.

E, dentro das ilimitações da hora presente, em face de um paradoxo que preconiza todas as ilimitações em todos os sentidos, frágil é, por sem dúvida, o império do sonho a que conduz o amor às letras. Cada um se contenta com os reduzidos horizontes de conquistas passageiras que, aparentemente, procuram tudo alcançar, mas que distinguem apenas alguns pontos, e estes mesmos inacessíveis.

Dáí o reduzido apreço de que desfrutam as instituições voltadas às coisas do espírito, olhando-se para as mesmas como vetustas reminiscências de eras que não voltam mais.

Nem por isso deixam elas de viver sua vida preciosa, abrigando em seu recôndito quase misterioso os poucos eleitos das musas, que ainda acreditam nos valores eternos e que fazem da arte de escrever o ideal maior na luta pela existência.

E a nossa Academia é bem uma expressão fecunda e serena dessa pertinácia intelectual que, no dizer de Machado de Assis, abriga e justifica a glória que eleva, honra e consola.

Recordando os que a fundaram, desejamos de modo especial manifestar-lhes a nossa gratidão pela confiança que demonstraram no futuro de nossas letras, estabelecendo para eles e para os que os sucedessem um refúgio plácido e ameno, em que se pudesse realizar com felicidade obra capaz de tornar permanente uma tarefa de amor aos livros para engrandecimento de nossa terra e de nossa gente. E nesta hora estamos a mostrar-lhes que não confiaram em vão. Em vez de contentarmo-nos com revolver-lhes as cinzas, respeitáveis e preciosas, empenhamo-nos em manter viva a obra que eles nos legaram, retomando e mantendo em atividade a matéria viva que nos transmitiram em suas obras e em seus trabalhos. E a isso nos dedicamos, não tanto como beneficiários de uma herança a conservar, mas, sobretudo, como depositários de

um tesouro a explorar, no qual perdura o veio de riquezas que não foram devidamente trabalhadas e que continuam reclamando coragem para serem transformadas em feixes de luz para os espíritos e em saborosos nacos de pão para as inteligências ávidas de saber e de beleza. Inteligências que vibram e se afadigam nos estertores de uma inquietude inexplicável porque dificilmente diagnosticada e por isso deixadas sem remédio.

Cada época é atingida por indiscriminados males sociais e morais. E isso ocorre também no âmbito das artes e das letras. Embora sem se chegar ao exagero de recusar à beleza o fundamental na criação artística, é palpável, em nossos dias, uma tendência acentuada para conceder à arritmia nos sons e à desarmonia nas formas de um predomínio absoluto nas manifestações estéticas. O materialismo grosseiro invadiu as produções do espírito, e a poesia, cuja nobreza testava o predomínio de valores supremos, vem sendo transformada em teoremas algébricos. Isso conduz a criatividade humana a caminhos estranhos, e essa espécie de literatura vai transformando o ser humano em desfibrado robô, excessivamente manipulado por uma padronização e uma uniformidade tristemente niveladoras da liberdade de pensar e de agir.

Dentro desse ambiente revolucionário de costumes e de idéias, as Academias de Letras funcionam como elemento conservador e estabilizador, resguardando os mais lúdimos valores da cultura de todos os tempos sem desprezar as novas conquistas que também engrandecem as produções da inteligência, mesmo porque viver é renovar e a cultura é a mais poderosa afirmação do poder criador da humanidade, cabendo ao espírito superar os problemas de hoje como já o fez com os do passado, na afirmação ininterrupta dos nossos supremos desígnios.

Pode-se dizer, sem constrangimento, que tem sido este o papel da nossa Academia de Letras, embora na modéstia de suas limitadas proporções. Graças a ela tem podido o intelectual patricio ver reconhecido seu trabalho ímprobo, engastando como um rubi a rima no verso e esculpindo no ouro mais puro da prosa viva o pensamento radiante e belo.